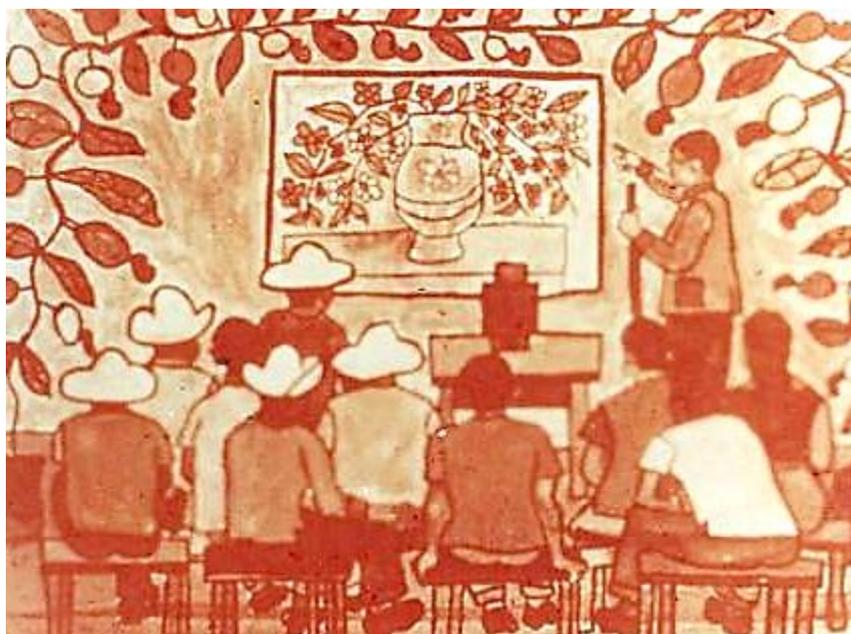


***CEM MILÊNIOS ATRÁS ESTÁVAMOS AQUI!
CEM ANOS DEPOIS, ESTAMOS AQUI!
CEM SÉCULOS ADIANTE, ESTAREMOS AQUI!***

***Uma mensagem em dois movimentos, quatro partes,
dezesseis momentos e uma canção
entre a pedagogia e a poesia,
para ser lida ao som de cantos indígenas
na noite de domingo, dia 17 de outubro de 2021,
por ocasião do ritual de abertura da
40^a. Reunião da Associação Nacional de
Pós-Graduação e Pesquisa em Educação***



PRIMEIRO MOVIMENTO

Amazônia

Primeiro foi o fogo e o vento

Primeiro foi o fogo e o vento! Foi a fúria!
E o que hoje é uma floresta viva e verde
foi antes a lava dos vulcões e as tempestades.
Quando antes nada havia, já havia quase tudo.
Havia o que entre cometas e trovoadas
começou com fúrias a criar aqui na Terra
o chão sobre o qual a Vida veio habitar o Mundo.

Foi aquele o tempo demorado dos sons sem vozes,
pois dentro do ventre e na pele primitiva do planeta
tudo eram os ruídos das águas e os dos fogos.
A fornalha dos vulcões, os tremores das pedras ancestrais,
o bramir dos mares de outras eras aquém das horas
e o voar dos ventos sobre as areias e o tempo.
Os tambores ainda sem mãos entre chuvas sem fim
e a alquimia de murmúrios que nos primeiros brejos
entrelaçava cadeias de carbono e fecundava no ventre da terra
a frágil semente mínima das primeiras vidas.
Aquele foi o tempo em que muito antes dos sons dos seres
a Terra por toda a parte soavam sem cessar
os ruídos sonoros de um mundo musical antes da Vida.

Amazônia

E depois foi o mar que pelo continente avançou
até quando uma suave inclinação com o subir dos Andes
lançou de volta as águas da terra no oceano.
E com o passar das eras o que foi fogo e água tornou-se a floresta.
O horizonte quase inacabável de um mundo de vida
a que por um engano do olhar, um homem vindo de longe
entreviu mulheres guerreiras armadas de arcos na selva
e deu a um território quase sem limites entre águas e aves
o sonoro nome de Amazônia. Amazônia! O Reino das águas.
E então veio afinal a aurora do tempo da Vida.
A era dos primeiros seres que das águas e dos minerais da terra
absorvem a matéria e a energia com que se tornam os Seres Vivos.
Silenciosa, antes da Vida dos bichos e da nossa vida,

durante eras infinitas as plantas da Terra verdejaram a Amazônia
 e em silêncio entre milênios fizeram brotar a Sumaúma e a Seringueira.
 E milênios mais tarde fizeram emergir o pirarucu e a onça.
 Seres que aprenderam a serem os seres-que-aprendem,
 para serem os seres que são.
 Segredos vegetais! Quanto mistérios a aprender,
 se ao invés de apenas falarmos entre nós sobre as plantas
 fôssemos sábios o bastante para nos calarmos e aprendermos
 a ouvir as vozes sem palavras das flores e dos frutos?

Com que alfabetos sonoros e com que gramáticas de silêncios
 que a ciência dos xamãs e dos doutores sonha decifrar
 os primeiros Seres da Vida terão criado na Terra primitiva
 uma primeira literatura e uma primeira pedagogia?
 Pois o saber criar sucede o saber aprender e o saber ensinar.
 Como, anteriores ao signo, ao símbolo e à palavra
 os seres originais do mistério da Vida antes dos humanos
 dialogavam entre eles, e de uma geração à outra
 transferiam entre silêncios e sons os sábios saberes?
 Como antes da chegada de nossos primeiros ancestrais
 Uma primitiva ciência da Vida terá criado os seus sábios?
 E como então, por toda a parte do que é agora a Amazônia
 como se a sonoridade da Vida disparasse a sua flecha,
 já o planeta antes do homem ecoava entre os dias e entre as noites
 a infinita e diversa sinfonia do verde e dos bichos da floresta?
 Com que primitivos e já próximos dizeres
 entre uivos e berros, e ladridos e miados,
 entre cicios e cantos insuperáveis a infundável serenata dos pássaros
 fazia ecoarem os sons primordiais de que nós somos os herdeiros?

Os primeiros seres a dar nomes ao que havia

Vindos afinal de onde e através de quais caminhos,
 em qual era da Vida terão chegado aqui
 os primeiros seres que a tudo davam nomes,
 e em suas línguas primitivas escreveram com sonoras palavras
 e coloridos desenhos escavados nas pedras
 a imagem e a figura dos minerais, das plantas e dos animais?
 Quais mulheres e homens vindos de algum Norte
 terão polido entre elas e eles as primeiras pedras?
 Terão aberto as primeiras trilhas, navegado os rios e igarapé
 e lavrado as primitivas roças,

armado com taquaras as primeiras redes de pesca
e capturado a primeira capivara?

Que mulheres e homens acenderam na noite uma primeira fogueira,
e com o tronco de qual árvore escavaram o oco da canoa
que pela primeira vez navegou os grandes rios da Amazônia?
Que nome teriam dado a cada um dos rios e aos igarapés?
E quando surgiram os nomes: Surubim? Seriema? Suçuarana?
Com que primitivos e sábios sistemas do saber as mulheres da tribo
souberam separar as plantas da terra, e estabelecer o vocabulário
das ervas que curam, as que matam as que se come e as que embebedam
para que entre transes os xamãs da tribo
conversassem com os deuses e os ancestrais?

Gentes dos rios e da terra

De acordo com o lugar onde plantavam as suas moradas
e semeavam entre setembro e janeiro os grãos da vida,
aos povos da terra e das águas
os unia a mesma sina de serem por toda a parte os semeadores da Vida:
a Vida dos filhos, a das roças de milho
e a das pequenas comunidades patrimoniais
que em pouca coisa tornava diferentes os xacriabás, os seringueiros,
os quilombolas e os camponeses.
Irmãos de destinos, que com diferentes gramáticas de saberes
obtinham de raízes e frutos da natureza, e dos grãos da roça
o sustento da Vida de cada pessoa e de toda a tribo.

Seres do símbolo, do saber e do pensamento,
que entre diferentes linguagens a tudo e a todos davam nomes.
Seres humanos, em quem as trocas corporais que geravam o aprender
ganham palavras, frases, saberes, sentidos e significados
e aos poucos, ao longo das eras construíram
o que os gregos clássicos milênios depois chamaram:
paidéia, pedagogia, ensino, aprendizagem, educação, escola.

A chegada do estranho – seres de peles brancas

Um dia, muitos milhões de anos depois das águas,
e depois dos peixes, dos bichos da terra e das aves,
e milhares de anos depois da chegada dos primeiros humanos,
e, após os primeiros povos indígenas de iguais peles da cor-da-terra,
eles chegaram! Montados em cavalos, senhores dos trovões de pólvoras,

e de papéis e poderes; mamelucos e brancos vestidos com peles de couro e com chapéus na cabeça ao invés de coloridas penas de pássaros eles pretenderam mudar a geografia dos dons da Vida em nome dos seus ganhos, lucros e poderes.

Senhores do nada, eles tomaram as terras dos povos ancestrais, e com eles voltou à floresta a era do fogo e da morte.

E a diversidade dos muitos povos indígenas eles deram um único nome: “selvagens”, e por anos a fio dedicaram-se a exterminá-los da terra que por milênios de eras e de anos foi a deles.

A poder de mortes derrubaram matas, secaram lagoas, predaram bichos e pessoas, e desertaram a Vida.

E os que vieram do Sul, senhores de terras roubadas e de servos comprados, inventaram o ganho, a ganância, e o lucro, ali onde antes havia a o dom da troca e da partilha.

E lá, onde por milhões de janeiros e julhos existiu por toda a parte a resistente e colorida multiforme vida do cerrado e do sertão salpicado de veredas verdejantes, de ninhos de palha e de afeto, eles derrubaram as árvores que guardavam as águas da chuva e entre raízes profundas as faziam descer ao coração da terra.

E mal as últimas cinzas dos fogos que acendiam se apagavam como lágrimas de pó sobre o chão seco onde antes houve por milênios o verde e a Vida, os senhores poder, em busca de pastos para o gado, e dos ganhos com a madeira, o ouro e o diamante, criaram e expandiram terras desertadas no lugar onde existiam e resistem ainda aldeias de indígenas e comunidades de outros vários “povos da floresta”. Povos que partilhavam os frutos da terra e os das águas a que deram mil nomes sábios e sonoros, eles expulsaram gentes; e entre cercas povoaram a Amazônia de gado e de lavouras que geram o lucro e não a Vida em uma floresta sem-fim onde a própria Vida que era verde e viva ameaça começar a morrer a sua própria morte.

***“Somos uma gente que cria, luta e resiste”,
os povos da floresta nos dizem***

Que vocês que educam olhem para nós e nos vejam!
Somos uma gente que semeia e cria!
Somos os homens e as mulheres, povos da floresta.
Somos o múltiplo povo da terra e cor da terra.
Somos as mulheres e os homens
do campo e do mar, dos rios e das florestas,
da caatinga verde e do cerrado, “o pai das águas”.
Somos uma gente de muitos nomes:
Indígenas ianomâmi, mundurucu, kaxinauá
tapirapé, carajá, xavante, caiapó,
seringueiros, extrativistas, castanheiras
camponeses, lavradores, pescadores
sertanejos, quilombolas, geralistas,
chapadeiros, pantaneiros, beradeiros,
Mas entre tantos nomes, somos uma gente só.

Aquela que com o trabalho dos dias e a toada da vida
arranca da terra, das árvores e das águas
como quem faz nascer a cada ano um filho,
a seiva da vida, a comida na mesa
o alimento dos dias, a fibra da roupa
a madeira da casa, o fruto e o pão.

Bem mais do que imaginam
os que longe do campo se alimentam
do fruto de nossas dores e suores,
somos aquelas e aqueles que em nome
do que há de mais humano na Vida
entre uma geração e a outra, e outra ainda,
aprenderam a cuidar da terra e das águas da Terra
e como elas reverdecer o Mundo da Vida.

Por isso, oprimidos, explorados e expulsos
somos uma gente de pé, e vivemos da luta e da esperança.
Pois não construímos apenas casas e nem semeamos só o grão
Nós semeamos agora a lavoura do mundo de amanhã.
Nós espalhamos pela Terra a lenta e persistente luta
para que algum dia não muito longe de agora,
o mundo de todas as pessoas livres da Terra
seja a colheita da justiça, da igualdade, da liberdade,

e do amor entre todos e todas, seres da Vida,
 em um Planeta sem senhores e servos,
 Seres livres de um tempo fraterno e solidário
 em que o mundo inteiro venha a ser
 o mundo humano com que sonha e pelo qual luta
 O povo das gentes do saber, do amor e da esperança.

SEGUNDO MOVIMENTO

Nós, vindas de tão antes, aqui e agora **Um elogio da educação em 4 partes** **em 16 momentos e com uma canção**

Parte primeira

no meio da noite, alguns gestos e estrelas

1.

Como teria sido uma noite de um tempo sem data,
 esquecida no passar de uma era sem horas
 quando um nosso primeiro ancestral ainda peludo, mas já de pé
 teria descansado sobre os ombros de um menino o peso do braço,
 e entre movimentos das mãos e do olhar
 desenhou no ar alguns gestos de quem traça um círculo,
 e sem nada dizer, teria ensinado ao menino
 o lugar de uma estrela na imensidão dos céus?
 Como teriam sido os desenhos daqueles gestos ainda sem a voz
 e, no entanto, já tão humanamente sábios e proféticos?

Gestos primitivos do saber e da partilha do que se sabe
 na noite em que sob a proteção do vagar dos astros
 o homem velho e o menino adormeceram depois sob uma árvore
 sem imaginar que haviam criado ali o milagre de aprender-e-ensinar,
 para que o saber dos humanos sejam gestos, e sejam elos, fios, fluxos
 entre as mulheres e os homens de quem somos a herança?

2.

Como terá acontecido em uma outra noite adiante,
 mas há milênios também apagada dos sonhos e das memórias
 quando um outro homem, já então senhor das palavras
 terá aconchegado ao redor do fogo aceso ao seu lado,
 uma mulher e um menino de seu bando,
 e levantando ao alto dois dedos da mão direita
 terá apontado uma estrela entre as muitas do céu de julho,
 e com a voz pausada e rouca pelos anos terá pronunciado
 pela primeira vez um seu primeiro nome?
 Que pássaros acordados na noite e que outros seres da selva,
 e que brancas flores noturnas, dessas de que só o perfume
 já torna tão cheio de mistérios o mundo e a vida
 terão assistido, uma vez e outra, separadas por milênios de anos
 aqueles instantes fugazes da história, quando, primeiro um gesto
 e, depois, uma pioneira palavra terão semeado no mundo
 a aventura do inventar o dom com que nós, os seres humanos
 desde então em diante nos acostumamos a compartilhar saberes
 para aprendermos a viver e a partilhar a Vida?

Gestos de trocas entre as teias, as redes e as tramas
 Das tessituras de símbolos, de saberes e de sentidos
 vividos através de uma estranha gramática de pequenos atos
 de uma vida tornada humana, através do que nos quem somos:
 seres da consciência que pensa, e se pensa pensando
 e sente o que pensa, e pensa o que sente,
 e sentindo e pensando fala-a-si-mesma,
 e diz e algo a um outro, e cala, e ouve, e fala,
 e dialoga a aventura da troca e da partilha do sentimento e do saber,
 entre os primeiros gestos do coração, do corpo e da mente
 que milênios mais tarde, entre línguas diversas
 todos os povos da Terra deram um nome
 que em nossa língua aprendemos a chamar de: *educação*.

3.

Entre gestos de saber e de amor, entre momentos de conflito e de paz com movimentos das mãos, entre sussurros e balanços do olhar alguns murmúrios de palavras e as primeiras breves frases, a pequena semente do que veio a ser o ensinar-e-aprender lançou as primeiras raízes no solo da cultura. Estranhos aqueles seres de quem nós herdamos a vocação de ensinar e a aventura do aprender.

Ali, onde houvesse uma mínima parcela de seres humanos entre pais e filhos, entre mães e filhas, entre irmãs e amigos, em meio a um bando alegre de crianças, entre os anciãos do conselho, os xamãs da tribo, e as velhas parteiras de mãos sábias, e mais os que nomeavam as estrelas, os construtores de canoas, as tecedeiras de panos, os semeadores de grãos, os domadores de cabras e cavalos, os decifradores de sonhos, os criadores de cantos de amor, os senhores das preces, os errantes inventores da poesia, os primeiros cientistas de um povo, os sábios mestres do silêncio e da palavra foram elas as mulheres e os homens que em suas línguas atribuíram nos nomes que herdamos: aprendizes, estudantes, alunos, docentes mestras, professores, educadoras, pedagogos.

E entre os ancestrais da educação e nós flui entre as eras e entre os povos uma igual vocação: a de compartilhar com outros o que se sente e o que se sabe. O saber que nos faz reciprocizar a lembrança de que não somos humanos porque somos seres racionais. Somos os seres que em nos tornamos, Porque diferentes dos outros seres vivos com quem partilhamos um mesmo Planeta azul e errante, nós, os humanos, somos os seres aprendentes. Seres do ensino e do aprendizado. Seres que vivem e partilham a sua maior e mais aventura no compartilhar que se aprendeu e se sabe. Somos sempre inacabados seres do aprender.

Assim como nós nos tornamos quem somos
 porque aprendemos a repartir entre homens e mulheres
 a carne da caça e o peixe, a semente, a fruta e o pão,
 assim também aprendemos a entretecer entre nós
 os mistérios dos gestos das mãos e da voz
 através dos quais a filha aprende com a mãe
 os segredos do amassar a farinha e assar a massa no forno,
 tal como a mãe que agora ensina, aprendeu com a sua avó um dia.
 E ao longo dos tempos os homens e as mulheres que ensinavam
 souberam apalavrar a informação, o conhecimento e o saber.
 E como a carne ou o pão, compartilharam um outro alimento,
 aquele que nutre a difícil e inacabável matéria do espírito,
 ao ensinar algo esquecido a quem não sabia,
 e como um milagre, alguém lembra quando aprende.

4.

Aprender e ensinar, ensinar e aprender,
 ensinar a aprender, aprender a ensinar.
 A extrema e difícil viagem a um horizonte sempre além,
 por entre trilhas ao longo de rumos sempre incertos.
 Porque a verdadeira educação é uma viagem com começos previsíveis
 por entre os rumos incertos, inesperados e inacabáveis.
 que o aprender inventa e reinventa a cada instante
 e o ensinar nem sempre aprendeu a decifrar.

Uma aventura cheia de certezas e de esperanças,
 mas também de medos e recuos, de tropeços e imprevistos
 em meio a horas claras e a outras horas sombrias.
 Uma viagem com o impreciso mapa de incertas teorias,
 entre intuições sábias que os poderes do mundo silenciam.
 Pois cedo quem ensina e aprende descobre
 que quem educa entre a palavra, lousa e o livro
 guarda em sua fala e no diálogo que a educação recria
 um poder mais forte e bastante mais duradouro
 do que o daqueles que com o poder efêmero dos gritos de guerra
 investem fúrias sobre os outros
 com armas nas mãos e não nas mentes.

5.

E para transformar tanto o mundo em que vivemos
quando a nós, passageiros habitantes da Terra,
segundo as imagens dos sonhos que nas noites anteviam os magos,
entre momentos próximos e opostos de amor e de medo
as pessoas do mundo da cultura que a educação cria e consagra
aprenderam a criar e construir, e a saber e a repartir
os objetos de seus dias: o arco e o cesto, a prece e a rede,
o arado e o fio da sementeira, a magia, a poesia e a filosofia.
E mais os desenhos pintados no rosto do morto,
os colares e os braceletes das festas dos corpos das jovens.
E, assim, de acordo com a gramática de seus ofícios
entre todos, desiguais igualados, homens e mulheres,
as gentes e os povos de quem somos a herança
aprenderam a fazer circular ao redor da aldeia, de casa em casa,
nos templos aos deuses e no que vieram a ser as escolas,
os bens do fruto da incerteza, do amor, do saber e do trabalho:
peixes, pássaros e pessoas, preces, poemas e parábolas.

6.

E em cada cultura, entre a selva, o campo e a cidade,
tudo o que existia fluía até onde alcançava chegar a educação
em meio a pessoas e saberes ao mesmo tempo iguais e diferentes.
E a aventura da educação vagava de mão em mão, de alma a alma,
no bailar de seus entre-gestos, e no dizer de suas falas.
E foi quando ela não tinha ainda sequer este nome
e nem os seus senhores, e nem aqueles a quem eles serviam,
uma educação então livre como as aves e as flores do campo
que todos colhem pelo caminho e carregam para a casa,
fazia surgir a flor e amadurecer o fruto
que o saber semeava e depois colhia

Parte segunda

O tempo das cercas e do saber aprisionado

7.

Por toda a parte, ao redor de quase todo o mundo,
quando surgiu e cresceu entre os humanos
o desejo da posse e do ganho em lugar do dom e da troca,
os poderes dos homens de pequenas aldeias fizeram cidades
e de comunidades entre iguais criaram os impérios.
Aqueles que inventaram a cerca de arame e a palavra "meu",
submeteram a água e a terra à maldição do domínio,
e dominando e fazendo seus os homens e as mulheres,
e também os frutos do trabalho de todos sobre a terra
eis que se multiplicaram por cem e por sete vezes mil
as cestas das colheitas de oprimidos corpos curvados
sobre o chão que não era mais de todas e de todos
as riquezas dos dons da terra, entre o grão do arroz e o do ouro.
E o que mãos de mulheres e de homens germinavam
foi então destinado a alguns poucos criadores da opressão
e senhores de terras cercadas e de águas e vidas prisioneiras.

Então entre os homens dos reinos
surgiram os palácios de grandes portas
os muros, as cercas, a prisão, a ganância e a guerra,
os generais e as tropas, os guardiões dos tesouros
as armadilhas dos senhores e a servidão dos outros.
E também as leis entre dos agora desiguais;
e os grilhões, as grades, os juízes que condenam,
os soldados que prendem e os senhores' que matam e mandam matar.
E então surgiu a moeda que se acumula nos porões dos castelos
e não sendo semente, não serve para germinar a terra,
e nem para a antiga partilha solidária de vidas livres
ao redor da fogueira acesa de outros tempos.

8.

E foi quando entre as pessoas de um mundo dividido
entre o senhor e o servo, entre o opressor e o oprimido,
começou a ser imposto aos que ensinam e educam
o dever imposto de aprenderem a ensinar outras lições.
E foi quando o saber que dava nome às imagens,
criava teoremas, poesia, canções e mitos,

e como o fruto do trabalho sobre a terra,
era irmão do espanto e da maravilha,
dividiu-se entre os filhos dos homens e os seus mestres.

E como o trabalho, a terra e os seus frutos
Os saberes passaram do dom e da partilha à posse e ao poder,
o que antes era entre as eras repartido entre todos:
nomes, palavras, silêncios, segredos e saberes,
fugiu do círculo à volta das fogueiras e do saber dos sábios
e encerrou-se entre altas paredes protegidas por guardas e silêncios.
E foi como o grão roubado da mesa de todos para o celeiro dos ricos,
que uma parte do antigo ofício de ensinar-e-aprender
migrou para as mãos alvas de senhores entre sedas e segredos,
esquecidos do valor do trabalho solidário
que tanto semeia o grão nas lavouras de novembro
quando semeia a semente que faz florescer na mente da criança
o sábio fruto solidário dos segredos dos saberes.

9.

De quem é a lua e de quem são as estrelas?
Quem possui as figuras entre cores,
que a alma dos homens desenha a partir delas?
De quem é o saber sobre as estrelas,
e o chão da terra e os seus frutos?
Em nome de quem e do quê
alguns senhores do poder e da palavra
fracionaram o saber em saberes e silêncios
e aprisionaram a sabedoria da pessoa consciente
na informação instrumental do indivíduo competente?
Como foram então separados os nomes das coisas da Terra,
e o conhecimento dos gestos do sonhar destinos e sentidos da vida?
E em nome de quem? De que pedras, rios, dragões ou deuses,
entre as classes sociais em que mulheres e homens se converteram
a alguns poucos foi dado o poder de pronunciar as palavras,
e aos outros o dever de ouvir e obedecer, entre o temor e o silêncio?

Parte terceira

tão grande quanto tudo o que é humano é a educação

10.

Tão grande quanto tudo o que é humano é a *educação*.
 E mais ainda quando ela toma o amor entre nós, e entre Nós e a Vida
 como o chão de seu saber e o horizonte de sua incerta e certa trilha.
 E também tão forte e frágil, tão estranha, tão generosa,
 tão aberta ao sentir do coração de uma criança de seis anos.
 E ainda tão fácil de ser entregue ao mal da ganância e do domínio do poder.
 Depois de tantos milênios de aprender a existir entre tantos povos,
 a face múltipla da educação está viva como os seres humanos
 entre as suas sinuosas travessias
 e entre eras das histórias e os territórios das culturas.

Lembremos que nós nos tornamos humanos
 porque somos seres racionais ou sociais.
 Somos humanos porque nos tornamos os “seres do aprender”.
 E se há entre todas a mais estranha e inigualável vocação humana,
 ela é o ensinar-e-aprender, e é o aprender-a-ensinar.

E depois de tanto, de todas as teorias sobre ela e os seus segredos
 e mais os métodos e os artifícios de sua amorosa didática
 não logramos tornar a educação, e nem a sua sábia, humilde
 e multiforme tessitura de fios entrelaçados de trocas entre as pessoas,
 muito diferente do que única e múltipla, igual e diversa,
 ela tem sido ao longo da trajetória de seu próprio acontecer
 entre mestres e aprendizes, entre professoras e alunas,
 entre meninos que brincam entre eles. E entre avós e netas.

11.

Nada existe na *educação* de estranho, etéreo ou eterno.
 Nada nela subsiste entre o acabado e o absoluto.
 E tudo o que nela parece parado e perene
 ao mesmo tempo muda; e mudando, permanece.
 Pois em cada era da história ou a cada dia de nossas vidas
 ela não é mais do que aquilo que fazem dela os que se reúnem
 para dialogar entre os seus caminhos e horizontes.
 Nós, criaturas de Prometeu, não roubamos de deus algum
 O fogo aceso do mistério do saber.

Pois como tudo o que o homem precisou aprender para ser e criar a educação é fruto do saber e do lento e árduo trabalho humano. E é, ela própria, um trabalho de homens e mulheres entre eles e elas. Um trabalho feito com sons e sentidos sobre a matéria de nosso espírito. E tal como acontece com o trabalho sobre a terra, em um outro solo a educação ara, lavra, semeia, cuida e colhe frutos: o chão e o céu das pessoas de quem somos: nossos corpos, nossas mentes, os nossos corações. e nada mais e nem menos do que o espírito humano. Entre todos os que lidam com pessoas como nós a nós, educadoras, educadores, coube o cuidado do que mais nos faz humanos: o nosso próprio espírito. O ser de quem somos, e que apenas existe em nós e entre nós, quando algo aprendemos, quando alguém nos ensina e educa.

12.

Decifrado e guardado em um livro, escrito e posto em um outro, na estante em que estão deixados entre outros, o teorema de Pitágoras e o poema de Cecília Meireles, são como a “cultura adormecida”. Quando a professora de uma escola desenha no quadro negro o teorema, ou quando uma aluna lê em voz alta o poema, teorema e poema com num milagre, retornam à vida. À Cultura viva. E de novo são como uma fogueira em cinzas renascidas no fogo do saber. Algo de um pequeno milagre de todos os dias, que quando pronunciado e partilhado na escola retorna de novo à vida ativa e partilhada de uma cultura o que antes jazia dormente, adormecido. Este pequeno milagre que ao redor do mundo se repete sem cessar Nós o fazemos, nós, educadores e educadoras que mais do que quem apenas ensina a saber, torna vivo de novo os saberes das teorias, dos teoremas, das idéias e dos poemas.

Parte quarta
Nós, ontem, aqui, agora

13.

A educação que sonhamos praticar deverá existir apenas onde as mulheres e os homens se reúnem e compartilham, livres e iguais, à volta da fogueira, ou entre as janelas de uma sala os seus símbolos e as suas sensibilidades, os seus sentidos e os seus significados, os seus saberes e as suas sociabilidades, e mais a nossa imperecível vocação de não apenas habitar um mundo mas de criarmos juntas o mundo em que vivemos nossas vidas e destinos. Por isso mesmo, quando algum poder ameaça desqualificar ou corroer nela e através dela as teias e tramas das trocas solidárias do trabalho e a virtudes da generosa repartição de seus frutos, de igual maneira a educação muda os seus nomes. Ela então condena os seus sábios ao silêncio, destina a sua inata rebeldia ao desterro, e transforma nos vícios da mera informação que se compra e vende no mercado do capital a suprema aventura humana da partilha do saber e da sabedoria.

14.

Aqueles que pretendem obrigar quem educa a ser menos humano do que foram antes os que ensinaram aos livres, ignoram ao longo das eras dos tempos e das eiras dos povos que uma coisa é o ensinar que acende luzes, dialoga entre mentes e gera entre todos o saber de quem ao se transformar transforma os outros, e junto com os outros transforma em mais humano o seu próprio mundo.

E outra coisa bem diversa é apenas instruir uma criança, para que anos mais tarde ela seja a seguidora silenciosa e fiel das leis que transmutam a sociedade em mercado, e fazem do território livre da vida o mundo aprisionado dos negócios, e ameaça tornar os seus sujeitos servos esquecidos de quem foram, de quem são agora, e de quem poderiam ser se outro fosse o seu saber. Se outro for o seu ensino. Outro o seu aprendizado. e outra for a sua educação.

15.

Porque os que dizem que o nosso ofício apenas instrui o que se sabe
 Quando esquecemos de ensinar o que criamos com os outros
 e com eles, entre diálogos de saberes aprendemos
 esqueceram de saber que a mesma luz que clareia salas escurecidas
 é também um fogo vivo que quando irrompe entre as mentes
 incendeia no meio da noite o coração do homem, e o do mundo.

Emissária da palavra, buscadora do diálogo, amadora da vida,
 co-criadora de homens novos e de mulheres indomáveis,
 a educadora a quem Paulo Freire
 chamava com esperança esperanças
 para o fervor da sala-de-aulas,
 para o diálogo no círculo de cultura,
 e para a presença que transforma e liberta na rua e na luta,
 não é uma artesã do já-feito.
 E não é um alguém estacionado no seu tempo.

E se podemos parecer sermos hoje menos do que fomos ontem,
 sabemos também que somos, hoje, agora e aqui,
 mais indispensáveis e mais indomáveis do que nunca.
 Porque mais do que nunca, mais do que sempre,
 trata-se agora, entre pandemia e pandemônio,
 de salvar o ser-humano de si-mesmo e a si-próprio.
 Trata-se de reverdecer o mundo e recriar a vida.
 E quem aprende e educa, deve agir como quem acende em outros
 o fogo inacabável do saber que liberta os “esfarrapados da Terra”
 chamados em *Pedagogia do Oprimido* a serem ninguém menos
 do que os redentores do Humano e do Mundo.

16.

E é por isto que nós somos como pontes
 sobre a terceira margem do rio.
 Somos a memória do que não deve ser apagado no coração do homem.
 E somos o chamado à aventura de criar
 o que sempre merece ser ensinado e aprendido.
 Somos as mulheres que se abrem a reaprender de novo e a cada dia.
 Somos os seres destinados a saber aprender
 com o vôo dos pássaros e com o crescer da floresta
 a inverter com a novidade da vida do povo
 as lições mofadas das “escolas sem política”.

Sabemos que sempre é possível recriar com o outro as palavras esquecidas dos que tiveram a sua voz silenciada. Entre todos e não apenas entre os poucos escolhidos, o trabalho da pessoa que educa serve e deverá servir ao reencontro do ser humano com a sua origem. E não apenas por dever de ofício é urgente nunca esquecermos que se não tomarmos entre as nossas mãos o leme do navio da *educação* outros irão fazer isto por nós, e contra nós, contra a vida e contra o horizonte da aurora dos tempos que hão de vir. Juntas e juntos, toca a nós fazermos com que um dia emerja e exista o mundo que esperamos criar. E com uma esperança esperada. E a cada dia, este dia começa sempre... agora!”

Canção Óbvia

*Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos
e conversarei com os homens
Suarei meu corpo, que o sol queimará;
minhas mãos ficarão calejadas;
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;
meus ouvidos ouvirão mais,
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera
porque o meu tempo de espera
é um tempo de quefazer.
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me:
em voz baixa e precavidos:
É perigoso agir
É perigoso falar
É perigoso andar*

*É perigoso, esperar, na forma em que esperas,
porque esses recusam a alegria de tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis, que já chegaste,
porque esses, ao anunciar-te ingenuamente,
antes te denunciam.
Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.*

Paulo Freire

Genebra, Março de 1971.

In: Paulo Freire, *Pedagogia da Indignação* - São Paulo: UNESP, 2000.

Primavera de 2021

Em 17 de outubro – dois dias depois do “dia da professora”

Carlos Rodrigues Brandão



*Esta imagem é a última dentre as “Fichas de Cultura”, do original Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos.
Em uma de suas versões, a série foi criada pelo artista plástico Francisco Brennand.*